

Sônia Lins:

Que eu possa, com rosto e alma desafivelados, dormir espichadamente sob essa árvore que você construiu. Que aquelas folhas me caiam com fervor e abundância, atapetando esse meu peito deitado para a vida.

Aquela, a sua, Sônia Lins, não é meramente uma árvore aprendiz, dessas que jardins ocidentais vêem nascer. É um resumo, uma hóstia verde, um braço de estrela, o que é, enfim, aquele himalaia de ternuras convergentes e boas? O que é uma moça que no mundo põe uma árvore de paz?

As Minas Gerais tanto querem uma árvore assim para florir, ainda mais, alguns campos fenecidos, mergulhar suas raízes naquela terra amante, espelho da carne de um povo ruidoso — que come o milho, descobre o pão —. Árvore-Lins, Sônia-árvore, melopéia de azuis incendiados, estendido cesta que recolhe as sílabas do amar.

Vê-la, posta no chão do mundo, e a felicidade se acerca, troça no céu da alma da gente. E fica.

*Virgílio Moratzenho Moreira*  
Virgílio Moratzenho Moreira

Rio de Janeiro, 03/12/1985